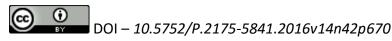


Resenha



PATTON, Pamela A. (Ed.). **Imaginando os/as outros/as:** raça, cor e o visual na Ibéria e América latina. Leiden, Bel.; Boston, EUA: Brill, 2016.

Helmut Renders \*

#### Resumo

Resenha do livro PATTON, Pamela A. (ed.). Envisioning Others: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America [Tradução do título: Imaginado os/as outros/as: raça, cor e o visual na Ibéria e América Latina] Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016. 382p com índice de 6p 63 imagens [Coletânea: The Medieval and Early Modern Iberian World (Formerly Medieval Iberian Peninsula), vol. 62]. ISBN 978-90-04-26917-0 (impresso, capa dura); ISBN 978-90-04-30215-0 (e-book).

#### **Abstract**

Book review of PATTON, Pamela A. (ed.). Envisioning Others: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America 392 pages cm. and 63 images [SeriesThe Medieval and Early Modern Iberian World (Formerly Medieval Iberian Peninsula), vol. 62) Includes bibliographical references of contributors and index. ISBN 978-90-04-26917-0 (hardback: alk. paper) — ISBN 978-90-04-30215-0 (e-book).

#### Resumen

Reseña del libro PATTON, Pamela A. (ed.). Envisioning Others: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America [Tradución: Imaginando el otro / la otra: la raza, el color y el visual en la Iberia y América Latina] Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2014. 392p com índice de 6p e 63 imagines [Coletânea The Medieval and Early Modern Iberian World (Formerly Medieval Iberian Peninsula), vol. 62]. ISBN 978-90-04-26917-0 (impresso, capa dura); ISBN 978-90-04-30215-0 (e-book)

Resenha recebida em 13 de abril de 2016 e aprovada em 20 de maio de 2016.

<sup>\*</sup> Doutor em Ciências da Religião. Professor da Universidade Metodista de São Paulo; Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e da Faculdade de Teologia. País de origen: Brasil. E-mail: helmut.renders@metodista.br

## Introdução

O livro editado pela Profa. Dra. Pamela A. Patton, diretora do Índice de Arte Cristã da Princeton University e até 2015, da cátedra de História da Arte da Southern Methodist University, é um estudo multifacetário da representação e percepção do/a outro/a na arte ibérica e, com a exceção de uma referência a Brasil, na América Espanhola. É um texto que une predominantemente uma nova geração de então professoras assistentes atuando em universidades estadunidenses, em sua grande parte em departamentos de artes, excepcionalmente, da história, ou em museus.¹ O livro é acompanhando por um índice de seis páginas e contém um total de 63 imagens, muitas delas, em cores.²

## 1 Organização do livro

A organização da obra segue, em grande parte, uma lógica cronológica e geográfica. Depois de uma ampla introdução escrita pela editora, seguem dois capítulos referentes à própria Espanha, assunto também do penúltimo capítulo. Os artigos 3, 4 e 6 focam no século 17; o artigo 5, no século 18, novamente, em uma perspectiva mais transatlântica; os artigos 7 e 8 no século 19, parcialmente, em tempos depois da época colonial (artigo 7) e interamericana (artigo 8). Em seguida, trata o artigo 9 de uma leitura do século 20. O artigo 10 volta-se para o século 16, porém articula uma causa transversal, o que eleva este capítulo quase ao nível de considerações finais: ele defende a originalidade da contribuição dos colaboradores indígenas. O capítulo 9 já tinha defendido o tema da originalidade, embora

-

¹ Profa. Dra. Beatriz E. Balanta, professora assistente de história da arte na Southern Methodist University (SMU); Profa. Dra. Charlene Villaseñor Black, professora de história de arte e estudos chicanos [Art History and Chicana/o Studies] na *University of California, Los Angeles* (UCLA); Profa. Dra. Larissa Brewer-García, professora assistente de linguagens de romances e literatura na University of Chicago; Profa. Dra. Ananda Cohen Suarez, professora assistente de história da arte na Cornell University; Profa. Dra. Elisa Foster, professora visitante na Texas Christian University; Grace Harpster, doutoranda na University of California, Berkeley; Profa. Dra. Ilona Katzew, curadora e coordenadora do Departamento de Arte Latino-Americano do Los Angeles County Museum of Art; Profa. Dra. Matilde Mateo, professora assistente de história da arte na Syracuse University; Profa. Dra. Mey-Yen Moriuchi, professora assistente de história da arte La Salle University; Profa. Dra. Erin Kathleen Rowe, professora assistente de história na Johns Hopkins University in Baltimore.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Apesar de se referir 18 vezes à *casta paintings* (PATTON, 2016, p. 111, 140, 169–170, 173, 182, 188,213, 214, 217–218, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 236–237, 238–240, 303 e 363 [índice remissivo]), a obra na apresenta nenhum exemplo que representa o conjunto das classes sociais.

centrado no estilo espanhol arquitetônico em si, o, alegando como elemento chave do estilo espanhol sua pluriculturalidade.

Os títulos dos capítulos são:

Introdução: raça, cor, e o visual na Península Ibérica e América Latina (Pamela A. Patton);

- 1. A Madona Negra de Montserrat: Uma exceção entre os conceitos de pele escura na Ibéria medieval e moderna? (Elisa A. Foster);
- 2. Visualizando santidade afro em esculturas policromadas espanholas do início da Modernidade (Erin Kathleen Rowe);
- 3. A cor da salvação: a materialidade da *blackness* em *De instauranda Aethiopum* salute de Alonso de Sandoval (Grace Harpster);
- 4. Transformações imaginadas: cor, beleza na conversão de cristãos africanos no século XVII na América espanhola (Larissa Brewer-García);
- 5. Branco ou preto? Afrodescendentes albinos/as ou de pele com manchas brancas no mundo atlântico do século 18 (Ilona Katzew);
- 6. Tornar raça visível nos Andes da Época Colonial (Ananda Cohen Suarez);
- Da casta ao costumbrismo: representações de espaços sociais racializados (Mey-Yen Moriuchi);
- 8. Sonhos tropicais: promover o Brasil nas mídias estadunidenses do século 19 (Beatriz E. Balanta);
- 9. O formato da raça: arquitetura, epistemologia e identidade nacional em Fernando Chueca Goitia *Invariantes castizos de la arquitectura española* Fernando Chueca Goitia (1947) (Matilde Mateo);
- 10. Raça e a historiografia da arte colonial (Charlene Villaseñor Black)Bibliografia selecionada

# 2 Objetivo do livro

Em sua introdução, a Profa. Dra. Pamela A. Patton (2016, p. 2) descreve o propósito dessa obra com as seguintes palavras:

As autoras representadas aqui compartilham dois pontos de vista: primeiro, reconhecem a visibilidade, de fato visualidade, como elemento fundamental para conceber e representar a diferença racial dentro do mundo ibérico no sentido mais amplo e, segundo, elas estão cientes que uma característica dos povos que conviveram neste lugar era sua profunda preocupação com o assunto da raça. Estudos que investigam tópicos extraídos tanto da Península Ibérica das Américas hispanófonas e lusófonas entre o final da Idade Média e o presente, trazem à luz muitos pontos-chave de intersecção entre conceitos emergentes de raça e o desenvolvimento da cultura visual em locais tão díspares como as montanhas de Catalunha, os portos de escravos do Caribe, as praças públicas do México e o discurso acadêmico da Espanha depois da Guerra Civil. (PATTON, 2016, p. 2)

Em outras palavras, as narrativas icônicas ibéricas e latino-americanas aqui investigadas, segundo a organizadora desse volume, conduzem o/a observador/a diretamente ao discurso racista em construção. Pelo fato que a cultura visual ibérica reflete o mesmo fenômeno em lugares distintos fortalecer-se-ia a compreensão de um discurso basicamente orquestrado pela Coroa, aceito pela Igreja e reproduzido pelos artistas (que, na sua grande parte, eram pagos pela Igreja, pelas ordens religiosas ou por fraternidades ou irmandades pelo sistema de patronato).

Além disso, lembra a editora que as próprias populações originárias das Américas também tinham suas formas de articular sua identidade coletiva em distinção do outro diferente (PATTON, 2016, p. 3) e, mais ainda, se apropriaram de discursos dos invasores:

Termos como o epíteto inca 'pukakunka' ('pescoços vermelhos') para os europeus brancos e os intrigantes estereótipos para negros africanos e outros estrangeiros no livro Nueva Corónica y Buen Gobierno de Guaman Poma sugerem que algumas culturas indígenas começaram a capitalizar sobre as estratégias raciais e visuais europeus logo após o seu primeiro contato (PATTON, 2016, p. 4).

Infelizmente, entretanto, a editora não pode mostrar isso na cultura material e visual inca o que se explica pelo fato de que estes povos não detinham mais, na América Colonial, o domínio sobre a arquitetura e a arte oficial e pública.<sup>3</sup>

A reputação de longa data dessas outras pessoas não europeias com pessoas de qualidades morais inferiores como letargia, covardia e um jeito feminizado não somente ajudou a esclarecer as caracterizações dos grupos recém-encontrados; ela também justificado convenientemente a subordinação das populações americanas muito parecido à maneira que ele tinha para as comunidades muçulmana e judaica da Península Ibérica. (PATTON, 2016, p.5).

Notamos que, segundo Patton, ainda se junta à questão da etnia um elemento de gênero. Depois de ter apresentado as contribuições da obra, a editora indica temas que deveriam ainda ser explorados ou mais explorados "como as culturas indígenas americanas mesmas conceberam identidade e diferença antes do contato" (PATTON, 2016, p. 15), a "... intersecção entre a raça e o visual na Idade Média ibérica" (PATTON, 2016, p. 16) e "o impacto da escravidão e do tráfico de escravos às ideologias de raça, tanto na Ibéria com na América Latina" (PATTON, 2016, p. 17).

Finalmente, a editora esclarece em relação à pretensão da obra:

Em vez de perseguir a impor respostas abrangentes, as contribuições nesta coleção têm como objetivo levantar as perguntas certas; para que se investiga como e por que raça e o visual se entrelaçaram na Península Ibérica e na América Latina, tanto em nível local como global; e para que reconhece como ambos, os padrões gerais e locais do pensamento e da representação, moldaram entendimentos passados e modernas de raça. (PATTON, 2016, p. 17).

Assim faz sentido que a obra não contenha considerações finais.

674

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Não podemos, entretanto, ignorar que as chamadas Fraternidades dos Homens Pretos no Brasil conseguiram criar uma cultura visual religiosa de resistência que parcialmente até inverteu o discurso racista dos impérios espanhol e português (RENDERS, 2013, p. 109-132).

### 3 Relevância da obra para os estudos da religião no Brasil

### 3.1 Método

O/A estudioso/a da religião vai se beneficiar com a leitura dessa obra em muitos sentidos. Focamos aqui, porém, as questões de método. Embora a obra não contenha um capítulo sobre método, os textos deixem transparecer perspectivas e escolhas metodológicas claras. Elisa A. Foster (2016, 18-50) põe em destaque a história da cor da Madonna of Montserrat e o significado atribuído à cor preta: antes de ser uma referência étnica, construiu-se um vínculo entre a cor escura e a idade (velha) e o oriente (lugar de origem). Com isso, a autora favorece tanto a questão da recepção como da produção e da modificação (pintar) pela instituição. Erin Kathleen Rowe (2016, p. 56ss) opta igualmente pela questão da recepção de esculturas de santos pretos por pessoas brancas da época, porém também de esculturas pretas do diabo (2016, p. 57). Larissa Brewer-García (2016, p.11-141) documenta o uso de livros com emblemas e gravuras. A referência no texto de Larissa Brewer-García (2016, p. 126-127) ao uso de livros com imagens impressas, provavelmente, gravuras de livros com emblemas na catequese de escravos africanos, mostra a importância da cultura visual jesuíta nos processos da evangelização. Um comentário: pode ser que o jesuíta Pedro Claver (1581-1654) tenha aprendido esta técnica dos franciscanos em Nova Granada (BREWER-GARCÍA, 2016, p. 126). Certamente, não era novo o resultado de um padre criativo. Conforme mostram as atividades parecidas do dominicano Michel le Nobletz (1577 e 1652) e do jesuíta Vicente Huby (1608-1693) no norte da França entre populações consideradas até então não evangelizadas, deve tratar-se de uma estratégia missionária comum, baseada na cultura visual.<sup>4</sup> Ilona Katzew (2016, p. 142-186) explora imaginários: primeiro, greco-romanos e medievais, que combinam etnia, geografia e clima; segundo, as teorias que relacionam imaginação e concepção com

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Segundo a descrição a gravura usada por Pedro Claver pode tratar-se de Hieronymus Wierix, *O caminho estreito e o caminho largo*, de 1600, uma obra à qual se refere Ananda Cohen Suarez (2016, p. 205) quando ela explora as "... disparidades entre as pinturas e as suas respectivas impressões de origem" (SUAREZ, 2016, p. 206).

a cor da criança e, terceiro como seu produto, o gênero das pinturas de *castas* como visualização de uma teoria de segregação social. Ananda Cohen Suarez (2016, p. 187-212) desenvolve um estudo comparativo entre um original (uma gravura renascentista) e sua cópia (uma pintura dessa gravura numa igreja perto de Cusco). Mey-Yen Moriuchi (2016, p. 213-240) realiza, similarmente, um estudo comparativo, porém entre os gêneros de pintura: pinturas de *castas*, que marcaram fronteiras entre as etnias, e pinturas *costumbristas* como proposta de visualizar uma nova identidade nacional. Beatriz E. Balanta (2016, p. 241-265) explora novamente o papel da imaginação. Ela investiga a influência de imagens sobre o Brasil no momento em que confederados derrotados começam a imigrar para o Brasil. Uma das fontes cogitadas por ela são as ilustrações de um importante livro de viajantes e visitantes protestantes no Brasil:

Robert Clinton, da empresa de importação e exportação Maxwell, Wright & Company, na época maior exportador de café brasileiro para os Estados Unidos, financiou nos meados do século 19 parcialmente a viagem que o missionário metodista Daniel Parrish Kidder e o clérigo presbiteriano James Cooley Fletcher levou para o Brasil em 1857. [...] Em dez anos, o resumo ilustrado de sua peregrinação no Brasil passou por oito edições e se tornou uma das principais fontes sobre a história e sociedade brasileira nos Estados Unidos. Cada uma das edições publicadas após a Guerra Civil (1866, 1867, 1868, e 1879) foi atualizado com um capítulo intitulado "Notas para quem vai para o Brasil ", e uma série de apêndices que forneceu informações sobre recém-criadas comunidades de imigrantes estadunidenses, a língua, câmbio, e dicas sobre transporte e vestuário. (BALANTA, 2016, p. 242).

A autora não compartilha, porém, a ideia de que o livro não foi criado para servir a este tipo de propaganda, sendo que os dois autores provêm dos Estados do Norte e não do Sul. Ademais, necessita-se de outras correções: Kidder visitou Brasil entre 1836 e 1837 e entre 1840 e 1842. Em 1845, publicou nos Estados Unidos e na Inglaterra, um livro sobre suas experiências. Fletcher visitou o Brasil somente treze anos mais tarde, entre 1855 e 1856, e os dois publicaram, posteriormente, o livro de 1857, que contém as 150 ilustrações. Em termos metodológicos, Balanta analisa

676

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Aqui precisamos corrigir a autora (2016, p. 242): *Brazil e os Brazilians...*, então, não se "... baseou nos dois autores...", mas é da sua autoria.

"como a interação entre sinais visuais e verbais conspira para criar uma visão benevolente da escravidão brasileira" (BALANTA, 2016, p. 245). Matilde Mateo (2016, p. 266-302) recorda uma nova perspectiva tomada de Fernando Chueca Goitia em relação à arquitetura religiosa espanhola estudando-a como parte da "... morfologia da história do mundo", distinguindo entre "... os elementos imutáveis das práticas culturais (expressão-formas) e o estabelecimento de similaridades, nexos e relações (relações morfológicas) entre eles" (MATEO, 2016, p. 274).6 Dessa forma, enxergava na arquitetura espanhola genialidade nacional em vez de meras cópias de estilos de outros. Defendeu que "a arquitetura é uma das melhores formas para expressar a alma do povo e que a mistura de raças contribui para uma identidade nacional saudável" algo que ele descreveu na arquitetura espanhola como híbrida (MATEO, 2016, p. 279). "Para Chueca, o hibridismo estilístico era não só essencial para a identidade nacional espanhola, mas também, e mais importante, a prova da sua vitalidade como uma nação" (MATEO, 2016, p. 280). Finalmente, Charlene Villaseñor Black (2016, p. 303-322) estuda uma igreja franciscana em Puebla, México. Ela sugere aposentar o conceito de "... 'tequitqui' enquanto 'transformação' e 'adaptação' de estilos europeus por artistas indígenas sob domínio colonial, caracterizando a arte indo-cristã como falta de originalidade. Em vez disso, favorece "... a noção de Homi Bhabha de 'mimicry' o que abriria espaços para agencia indígena..." (BLACK, 2016, p. 314).

## 3.2 Recomendação

A riqueza dos capítulos torna esta obra interessante para diversos grupos de pesquisadores/as. Além da própria área, os estudos da história da arte, devem interessar-se por esta obra sociólogos/as da religião, antropólogos/as, etnólogos/as, cientistas da religião e teólogos/as. Quem se dedica à cultura visual religiosa e seu impacto no cotidiano, inclusive a relação entre a religião proposta e

-

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Um detalhe: a palavra alemã *Zeitgeist* (p. 274 e 282) se escreve com maiúscula. Já a palavra *Volksgeist* (p. 282) foi corretamente reproduzida.

praticada e o sistema de racismo, vai beneficiar-se significativamente e, eventualmente, encontrar inspiração para novos projetos de pesquisa, inclusive, em relação à escolha da metodologia. Certamente, por exemplo, seria interessante analisar as 150 ilustrações da obra em conjunto de Kidder e Fletcher, também em relação à forma como elas retratam a religião do Brasil. Afinal, são missionários protestantes de duas igrejas da missão. Também seria pertinente revisitar as pinturas apresentadas no livro e investigar a relação entre etnia e práticas religiosas, sua apresentação favorável ou desfavorável. Tarefas que não cabiam nesta obra; mesmo assim, já apareceram pontualmente.

Em sua totalidade, a obra é um convite ao/à cientista da religião para investigar não somente o aspecto religioso nas representações da cultura material e visual brasileira, mas também as relações entre imagem, religião e gênero ou imagem, religião e trabalho ou imagem, religião e política e outras.

## **REFERÊNCIAS**

BALANTA, Beatriz E. "Tropical Dreams: Promoting Brazil in Nineteenth-Century US Media." In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 241-265.

BLACK, Charlene Villaseñor. "Race and the Historiography of Colonial Art". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 303-322.

BREWER-GARCÍA, Larissa. "Imagined Transformations: Color, Beauty, and Black Christian Conversion in Seventeenth-Century Spanish America". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 111-141.

FLETCHER, James Cooley; KIDDER, Daniel Parrish. **Brazil and the Brazilians**, **portrayed in historical and descriptive sketches**. Illustrated by one hundred and fifty engravings. Philadelphia / Boston: Childs & Peterson / Phillips, Sampson & co., Ann Arbor, 1857.

FOSTER, Elisa A. "The Black Madonna of Montserrat: An Exception to Concepts of **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 18-50.

HARPSTER, Grace. The Color of Salvation: The Materiality of Blackness in Alonso de "Sandoval's De instauranda Aethiopum salute". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 83-110.

KATZEW, Ilona. "White or Black? Albinism and Spotted Blacks in the Eighteenth-Century Atlantic World". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 142-187.

KIDDER, Daniel Parrish. **Sketches of residence and travels in Brazil embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces**. Philadelphia / London: Sorin & Ball / Wiley & Putnam, 1845.

MATEO, Matilde. "The Form of Race: Architecture, Epistemology, and National Identity in Fernando Chueca Goitia's Invariantes castizos de la arquitectura española (1947)". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, **p.** 266-302.

MORIUCHI, Mey-Yen. "From Casta to Costumbrismo: Representations of Racialized Social Spaces". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 213-240.

RENDERS, Helmut. "O coração como atributo hagiográfico de São Benedito do Rosário: hipótese sobre a sua origem e seu modelo subjacente da vida cristã". In: **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, vol. 13, n. 29 p. 109-132 (jan./mar. 2013). Disponível em: <a href="http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p109">http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p109</a> >. Acesso em: 3 abril 2016.

ROWE, Erin Kathleen. "Visualizing Black Sanctity in Early Modern Spanish Polychrome Sculpture". In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 51-82.

SUAREZ, Ananda Cohen. "Making Race Visible in the Colonial Andes." In: PATTON, Pamela A. (ed.). **Envisioning Others**: Race, Color, and the Visual in Iberia and Latin America. Leiden, Bel. / Boston, EUA: Brill, 2016, p. 187-212.